

Comentário**Os 40 anos da FCM**EUSTÁQUIO GOMES
eusta@unicamp.br

Ao destacar os 40 anos da Faculdade de Ciências Médicas, o **Jornal da Unicamp** puxa o fio de uma longa e movimentada história que, ao cabo de 20 anos, resultou na instalação da Unicamp em 1966. A FCM foi, pois, o embrião de um projeto maior cuja qualidade e densidade têm a ver com a luta persistente da sociedade organizada de Campinas e, mais tarde, com o engenho de Zeferino Vaz.

Que Zeferino, nos anos que precederam a criação da FCM, tenha se colocado contra a idéia de uma escola médica em Campinas — ele que na época dirigia a Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto —, não é um fato tão relevante. Tem seu lado pitoresco. Mais importante é o que o criador da Unicamp foi capaz de realizar depois, transformando uma derrota particular numa vitória coletiva.

Do ponto de vista histórico, o feito da coletividade campineira ao conseguir sua escola médica é uma conquista tão importante quanto o que veio depois. É pouco provável que a Unicamp fosse o que é não tivesse havido, antes, uma FCM e um punhado de homens incansáveis que, anos a fio, lutaram tenazmente pela materialização de sua idéia. O distanciamento no tempo dessa luta organizada permite ver, em perspectiva, um modelo de gerenciamento de projeto semelhante ao que faria, hoje, uma ONG de metas bem-definidas.

Tão bem-definido quanto a meta daqueles cidadãos foi o trabalho de implantação e consolidação acadêmica, científica e de serviços da FCM nas quatro décadas que se seguiram, cujos resultados são hoje bem visíveis. Para isso concorreram centenas, milhares de pessoas que em boa parte ainda seguem dando sua contribuição à FCM e às unidades de saúde que dela nasceram, no que é hoje o maior e mais orgânico complexo hospitalar do interior do Estado.

Artigo**Inveja Saudável**

Ilustração: Félix

**MARCELO KNOBEL**

Recentemente, li um artigo sobre a inauguração do maior aquário da Europa, parte do complexo “Cidade das Artes e das Ciências”, em Valência, Espanha. Ao ler mais sobre o projeto, devo confessar: fiquei com inveja! Mas permito-me qualificar essa inveja como saudável, pois despertou em mim uma vontade maior de contribuir de alguma maneira para poder construir algo similar por aqui.

A primeira vista, essa perspectiva parece uma utopia. Mas vamos olhar com mais cuidado a idéia realizada na Espanha, para aprofundar a discussão. Valência é uma cidade menor que Campinas, sem nenhum atrativo turístico relevante. Através de uma iniciativa do governo, foi iniciado um projeto de recuperar uma área desvalorizada da cidade, incluindo a idealização e a construção da “Cidade das Artes e das Ciências”, que reúne um museu interativo de ciências, um cinema e planetário com projeções em três dimensões, um aquário e uma ópera. Esse megacomplexo foi projetado pelo famoso arquiteto Santiago Calatrava, que criou prédios com formas espetaculares, que por si só já valem a visita. Tudo isso custa muito dinheiro, e de fato até hoje foram investidos em torno de 400 milhões de dólares. Mas todo esse investimento tem um retorno garantido. Em 4 anos, só o museu de ciência já recebeu 7 milhões de visitantes! Além disso, a cidade já capitalizou 500 milhões de dólares em investimentos desde que o centro foi projetado. Foram construídos 14 hotéis (mais 22 estão em construção), 5 mil apartamentos e um shopping center. Com isso, foram gerados em torno de 16 mil empregos diretos, além dos benefícios indiretos.

Além de toda a questão econômica, é importante destacar a enorme importância de um pólo cultural e de divulgação científica. O aprendizado pro-

veniente do conteúdo das exposições, da programação artística e dos museus não é tão fácil mensurar quanto o retorno econômico, mas certamente traz diversos benefícios para a população que visita o centro científico-cultural. É claro que há o lado da diversão, o aspecto lúdico necessário para “atrair” o visitante. Mas cada exposição é planejada cuidadosamente para ensinar de modo interativo diversos conteúdos de ciência e tecnologia. Certamente, os visitantes, e principalmente as crianças e adolescentes, saem do museu com algum conhecimento adquirido e voltam para casa com a curiosidade aguçada e com os sentidos mais permeáveis para apreciar e descobrir o universo em que vivemos, seja do ponto de vista científico ou artístico.

Há diversos estudos que mostram com clareza a contribuição dos museus interativos de ciência na sociedade. Esses locais oferecem um ambiente social único e diversificado que estimula o aprendizado tanto no âmbito escolar quanto no ambiente familiar. Nos Estados Unidos, mais de 60% da população adulta visita um museu de ciências pelo menos uma vez ao ano. Os museus de ciência recebem também a visita de um público escolar de aproximadamente 40 milhões de crianças e adolescentes anualmente. Pesquisas têm mostrado que estudantes que participam de programas interativos apresentam melhorias significativas na criatividade, na percepção, no desenvolvimento lógico, nas habilidades de comunicação, na motivação e em atitudes positivas com relação à ciência e tecnologia. Há outras diversas investigações sobre o papel benéfico de um centro de ciência em uma comunidade, que podem ser encontrados na página da Associação Americana de Centros de Ciência e Tecnologia (ASTC, <http://www.astc.org>), ou na página da Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia para a Améri-

ca Latina e Caribe (Red-POP, <http://www.unesco.org.uy/red-pop/>), para ver algumas experiências latino-americanas e inclusive brasileiras.

Talvez não seja o caso de iniciarmos um projeto tão grandioso quanto o de Valência. Mas certamente é uma vergonha que ainda não haja uma iniciativa séria de criar um grande museu interativo de ciências para contribuir na educação da população e estimular de modo efetivo a formação de uma cultura científica em nossa sociedade. Experiências extremamente positivas em países com realidades mais próximas às nossas demonstram que um empreendimento nessa direção não só é possível, mas é urgente e necessário (ver, por exemplo, o caso do “Universum”, da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) - <http://www.universum.unam.mx/index.html> e o “Maloka”, que fica em Bogotá, na Colômbia - <http://www.maloka.org/>). Em particular, o caso brasileiro é privilegiado, pois contamos com uma vasta biodiversidade, um amplo espectro de climas, regiões e costumes, uma comunidade científica estabelecida e uma cultura popular rica, o que poderia resultar em uma experiência inédita no mundo.

Olhando esses projetos maravilhosos e os incríveis benefícios que eles induzem na sociedade é impossível não sentir uma inveja saudável. Espero que esta inveja seja contagiosa e que um número significativo de atores envolvidos de algum modo com educação, ciência, tecnologia e inovação possam formar a massa crítica necessária para a implantação de um projeto dessa envergadura no nosso estado, ou quem sabe, dentro da própria Unicamp.

Marcelo Knobel é professor associado do Instituto de Física Gleb Wataghin e coordenador do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri)

UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Alvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcineia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569.